A fragilidade do capitalismo estadunidense em 2003[1]

RICK WOLFF
PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DA UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS (ESTADOS UNIDOS) E EDITOR DA REVISTA RETHINKING MARXISM

O sistema capitalista nos Estados Unidos encara agora o seu melhor, assim como seu pior período. A riqueza expandida dramaticamente em 1990 elevou alguns milhões de americanos ao *ranking* dos moderadamente ricos. Ao mesmo tempo, essa década também jogou uma grande massa de estadunidenses para uma linha bem abaixo da minoria rica. As desigualdades de riqueza e renda também cresceram bruscamente. No entanto, o novo milênio chega e encontra a economia estadunidense melhor do que a dos seus rivais em potencial. A economia japonesa continua sem conseguir escapar de uma década de depressão. A União Européia sofre com um atraso em seu crescimento e desemprego persistente. Na tentativa de negociar sua unificação política, moeda comum e a absorção da Europa Oriental, incontroláveis contradições foram geradas. A China, todavia, teve um dos maiores crescimentos mundiais dos últimos vinte anos, mas seus beneficiários domésticos são relativamente poucos, pois a maioria dos chineses permanecem pobres. Enquanto isso, menos sobrecarregado que os outros blocos econômicos, os Estados Unidos estão entrando agora no seu quarto ano de declínio econômico. Aumento do desemprego, lucros corporativos estagnados, mercado de ações que se mantém caindo bem abaixo dos seus picos históricos, grande número de devedores jurídicos e físicos como nunca visto antes, um aumento rápido do déficit publico federal, declínio na confiança do consumidor e uma queda no dólar sinalizam sérios problemas econômicos.

[1] Artigo apresentado na Socialist Scholars Conference, Nova York, em 16 de março de 2003, como parte do painel "*Crise dos mercados: Avaliando prejuízos colaterais*" da Association for Economic and Social Analysis (Aesa). Publicado com a permissão do autor.

A dialética do positivo e do negativo estrutura severamente a posição estadunidense no capitalismo global. Seus lobistas e a mídia de massas ainda podem mobilizar maiorias domésticas para financiar um super-Estado militarizado até mesmo depois da guerra Fria, quando nenhuma ameaça militar séria permanece. Este Estado pode aumentar, agressiva e custosamente (e lucrativamente), as intervenções militares celebradas como portadoras de liberdade e bem-estar com suas bombas. A conta de tudo isso é paga pelas reformas tributárias, que favorecem as corporações e os ricos, bem como pelos cortes nos programas sociais e diretos das massas. Capitalistas invejosos em outros lugares — que não podem fazer igual nas suas sociedades — olham chocados e apavorados. Alguns estão aceitando uma posição subordinada dentro do império global estadunidense e outros provavelmente irão aceitá-la.

Além disso, depois da fácil intervenção no Afeganistão, as grandes dificuldades que assediam a guerra no Iraque revelam a dialética do outro lado. Alguns aliados, cujos interesses são colocados de lado, estão se tornando adversários. A opinião pública de muitos países está se virando contra os Estados Unidos, pois estes estão alcançando o controle do mundo de forma perigosa. Em 2003, o Estado americano, está mais isolado e odiado do que em qualquer outro momento da história. Os políticos de Washington podem ocupar as manchetes trocando "*French fries*" por "*freedom fries*", mas as duras mudanças econômicas, em geral, funcionam de outra forma contra o capitalismo estadunidense. Consumidores estrangeiros começam a evitar McDonalds, Coca Cola, Citybank e férias nos Estados Unidos. Investidores estrangeiros se distanciam das ações de companhias estadunidenses e reduzem suas participações nos títulos do Tesouro e no dólar. Os capitalistas estrangeiros ajustam suas estratégias de negócios para evitar os custos de associações diretas ou indiretas com as aventuras militares estadunidenses. Os capitalistas e a opinião pública em muitos países pressionam seus governos a fazer novas alianças (incluindo novos arranjos militares) fortes o suficiente para proteger seus bens e eles próprios da política externa estadunidense e suas ramificações. Atualmente disputas travadas em muitos lugares irão determinar quais companhias e quais países aceitarão se subordinar ao império estadunidense e quem irá se aliar contra isso.

Os efeitos do poder estadunidense e o uso da força militar também dependem dos extremos de riqueza e pobreza que agora diferenciam os Estados Unidos do Terceiro Mundo. As impossíveis dívidas desse último — arranjadas principalmente para o benefício de suas prósperas elites governamentais — requerem fluxos massivos de pagamentos com juros para os credores estadunidenses. Previsivelmente, essas elites taxam seus pobres cortando programas sociais para liberar recursos para esses fluxos. Os credores, principalmente os maiores bancos estadunidenses, usam os lucros dos empréstimos do Terceiro Mundo para gerar dividendos aos acionistas (em sua maioria, os mais ricos do mundo) e para novos empréstimos lucrativos. Desta forma, uma grande riqueza flutua dos mais pobres para os mais ricos. Enquanto executivos, políticos e acadêmicos submissos negam ou e se desculpam por esse Robin Hood às avessas no mundo das finanças globais, isso é reconhecido, rejeitado e repudiado por um número cada maior de pessoas.

As contradições dentro dos Estados Unidos e sua posição internacional estão sob ameaça de explosão. A tarefa aqui é explicar o por quê, para onde o momento aponta e o que pode ser feito.

A estratégia do capital doméstico

Dentro dos Estados Unidos uma grande mudança na economia está a caminho. Muito mais do que a reversão dos programas de suporte social do *New Deal* e as progressivas reformas tributárias, essa mudança descarta uma tradição básica da história econômica estadunidense. Em uma parte dessa tradição, os capitalistas — inicialmente indivíduos, mas agora mais organizados em conselhos de diretores de grandes corporações — têm usualmente obtido de seus trabalhadores uma produção maior do que a obtida por quaisquer outros capitalistas. Na outra parte da tradição, os capitalistas estadunidenses compensaram seus trabalhadores mais produtivos com aumentos salariais reais maiores e mais acelerados dos que os recebidos pelos trabalhadores na maioria dos outros países. No entanto, nas recentes décadas — especialmente na de 1990 — quando a produtividade dos trabalhadores estadunidenses continuava a crescer, o salário real deles não o fez. Essa ruptura com a tradição influencia as contradições domésticas e internacionais, agitando a sociedade estadunidense.

Os empregadores capitalistas somente contratam mais trabalhadores quando o trabalho deles adiciona mais valor do que o custo dos salários pagos para empregá-los. A diferença entre o valor do trabalho de um empregado e seu custo para o empregador é chamada de "excedente" por muitos economistas que enfatizaram sua importância através da história do capitalismo (incluindo Adam Smith, David Ricardo e Karl Marx). As corporações capitalistas retiram seus lucros desse excedente. Eles usam o lucro para sustentar o sistema capitalista e a sua posição privilegiada dentro dele. Os trabalhadores estadunidenses têm sido os que mais produzem excedente no mundo. De fato, eles têm produzido taxas crescentes de excedente. Isto é, enquanto seus salários crescem, sua produção de excedente (a diferença entre o que eles produzem e seus salários) cresce ainda mais rápido. Essa situação foi sustentada por um século e meio com poucas interrupções, pois a tradição do capitalismo estadunidense combina crescentes salários com um aumento ainda mais rápido do excedente, o que rende considerável riqueza e estabilidade social.

Muitos fatores contribuíram para esta qualidade do capitalismo estadunidense. O movimento trabalhista historicamente fraco, as ondas de imigração, a ausência de um partido de trabalhadores e a divisão étnica e religiosa entre os trabalhadores impediram aumentos salariais mais rápidos. Em contrapartida, a rápida acumulação do capital, na forma de máquinas-por-trabalhador, a intensidade do trabalho imposto aos trabalhadores e uma ética individualista do trabalho culturalmente estimulada fez com que os trabalhadores se tornassem cada vez mais produtivos. O aumento dos salários e do padrão de vida foram conquistados pelos trabalhadores nas suas lutas nos Estados Unidos, em parte porque os empregadores capitalistas podiam pagar para eles devido à crescente produção de excedente por esses trabalhadores. Os capitalistas americanos, a contra gosto, aceitaram o aumento dos salários como um custo necessário para obter um aumento de excedente mais rápido. Para os trabalhadores, o aumento de salários compensa os seus esforços, indignação e exaustão do seu trabalho. Aqueles, dentre os trabalhadores, que desconsideravam a compensação trazida pelos salários e reivindicavam que os próprios trabalhadores controlassem e dispusessem dos excedentes, tornaram-se parias políticos, denunciados e perseguidos como *wobblies*, anarquistas, socialistas e comunistas. Na medida

em que os trabalhadores estadunidenses obtinham salários crescentes e acreditavam que eles compensariam adequadamente seu trabalho, acabaram fazendo com que a tradição do capitalismo americano, descrita acima, criasse raízes e florescesse.

Mas a compensação se deteve em meados de 1970. A produtividade dos trabalhadores continuou subindo enquanto os salários estacionaram. O lucro correspondente dos capitalistas começou a voar alto. Nos anos 1990 — como freqüentemente ocorre na história do capitalismo —, a explosão do lucro saiu de controle na forma de uma bolha especulativa que estourou em 2000. Neste último ciclo capitalista de crescimento-declínio, o fim dos aumentos reais de salários depois de meados de 1970 — rompendo com a tradição do capitalismo estadunidense — permitiu o crescimento e, depois, impôs o declínio.

Os computadores instalados em muitas linhas de produção durante a década de 1990 aumentaram dramaticamente o fluxo de mercadorias produzidas por trabalhador. Com salários por hora estagnados, os lucros cresceram rapidamente e o mercado de ações decolou. Rapidamente o aumento do preço das ações possibilitou que muitos capitalistas vendessem mais ações, gerando enormes somas que foram investidas na automação e, deste modo, aproveitaram um ciclo virtuoso de explosiva lucratividade. Investidores estrangeiros aplicaram nos Estados Unidos para capturar um pouco destes lucros e, com isso, intensificaram o ciclo. Enquanto isso, os salários reais vêm declinando desde 1970 com ocasionais e rápidas subidas. Isto explica o enfraquecimento do movimento dos trabalhadores desde 1960 na mesa de negociação e também na política. Ademais, os salários também caem com o aumento do número de imigrantes dispostos a trabalhar por salários mais baixos do que os pagos pelas normas estadunidenses anteriores, isso aumenta o número de mulheres, recém aposentados e adolescentes procurando por trabalho. Além disso, um amplo giro à direita nos valores políticos e culturais nos Estados Unidos facilitou uma colaboração mais próxima entre governo e empresários, que também abaixou os salários.

A classe trabalhadora americana respondeu ao colapso da tradição de aumento de salários e à dura realidade da queda salarial basicamente de três formas. Primeiro, a família dos trabalhadores passou a enviar mais membros ao exército de trabalho. Segundo, trabalhadores individuais tomaram mais de

um emprego e trabalharam mais horas por semana. Com efeito, os trabalhadores tentaram manter o padrão de vida de suas famílias trabalhando mais. O estresse e a exaustão resultante tensionaram casamentos frágeis e as relações entre pais e filhos (freqüentemente até o ponto de ruptura, como evidenciado pelas taxas de divórcio, abusos, etc). Entretanto, com a queda dos salários, os empregos extras não foram suficientes para manter o padrão de vida que os estadunidenses tradicionalmente costumam esperar e desejar. Eles precisavam de uma terceira estratégia para conseguir isso: um endividamento massivo. Nos últimos 25 anos os trabalhadores estadunidenses tornaram-se a classe trabalhadora mais endividada do planeta.

Incapazes ou indesejosos de forçar os empregadores capitalistas a aumentar os salários, os trabalhadores estadunidenses trabalharam muito mais e tomaram empréstimos pesadamente. Os capitalistas não só ganharam com a queda nos salários acoplada ao aumento da produtividade, como as compras a crédito dos trabalhadores mantiveram a demanda por seus produtos. Ou seja, os capitalistas americanos ainda se beneficiaram de outra forma, na medida em que seus lucros eram a fonte de muito do dinheiro emprestado aos trabalhadores com altas taxas de juros (o que posteriormente estimulou os lucros capitalistas). Historicamente o trabalho pesado e o endividamento sem precedentes lubrificaram a máquina do *boom* dos anos 1980 e a evolução para uma bolha especulativa na década de 1990. Depois do estouro da bolha, como nós argumentaremos abaixo, as mesmas condições agravaram a contínuo declínio.

Enquanto os trabalhadores reagiram a uma queda dos salários dessas maneiras, a utilização pelos capitalistas de seus excedentes crescentes estava também dando forma à sociedade americana. Tomando lucros crescentes desses excedentes, as corporações os utilizaram para onerosas fusões e aquisições, pagando generosos dividendos aos acionistas e comprando equipamentos para incrementar a produtivdade dos trabalhadores. O resto do aumento desse excedente foi alocado pelos conselhos corporativos para manter todas as atividades subsidiárias necessárias para que o sistema de excedentes crescentes ficasse em operação.

Assim os conselhos de diretores distribuíram porções desses excedentes aos supervisores e gerentes necessários para monitorar, recompensar e punir os trabalhadores, para comprar máquinas, matérias primas e equipamentos,

para vender os produtos finais e tudo mais. Essas tarefas gerenciais são cruciais para o sucesso da empresa capitalista, até porque, diferente das mercadorias produzidas pelos trabalhadores, eles em si não produzem excedentes. Especialmente nos anos 1990, enormes excedentes permitiram grandes salários gerenciais, bônus e benefícios, legais e ilegais. Outros exemplos de atividades subsidiárias incluem bancos, lojas e governos. Cada uma destas instituições necessita de infusões regulares desse excedente distribuído pelos capitalistas, porque cada uma delas assume atividades necessárias para uma exitosa produção de excedentes pelos trabalhadores. Os bancos guardam dinheiro e fornecem crédito para as corporações capitalistas produzirem mercadorias: função necessária mas que não produz excedente por si só. O comércio converte as mercadorias produzidas em qualquer lugar pelas empresas capitalistas novamente em dinheiro. Os governos fornecem a legislação, administração e as bases legais auxiliares mas cruciais para facilitar a produção de excedentes pelos trabalhadores no mundo todo, particularmente em empresas capitalistas produtoras de mercadorias. No último século, especialmente nos últimos 25 anos, a economia estadunidense fez proliferar os empregos de "colarinho branco" nas finanças, no comércio varejista e atacadista, no gerenciamento, no governo e assim por diante. Isso só foi possível porque os capitalistas tinham imensas quantidades de excedentes para manter tantas pessoas e instituições exercendo essas funções auxiliares. Em compensação elas gastaram esses excedentes na compra de mercadorias produzidas pelas empresas capitalistas: o fluxo circular lubrifica todo o sistema capitalista enquanto cada componente cumpre seu papel no todo interdependente.

O novo milênio viu o virtuoso ciclo de crescimento capitalista se transformar rapidamente em um virtuoso ciclo de falência do capitalismo. O delírio especulativo no mercado de ações na década de 1990 gerou corporações corruptas, falsos balancetes, agências reguladoras cegadas e subornáveis e expectativas crescentes de lucros que não poderiam ser realizados. Quando estes fatos se tornaram públicos o pânico atingiu o mercado de ações e depois o resto da economia, que entrou em declínio pelo quarto ano consecutivo. O fluxo circular mostrou o rombo. As corporações capitalistas que haviam-se tornado dependentes do aumento do mercado de ações reduziram drasticamente seus planos de investimento e folhas de pagamen-

to. Trabalhadores desempregados e corporações reduzidas resultou na diminuição das compras de mercadorias. Mesmo os trabalhadores ainda empregados, exauridos pela exploração e sobrecarregados pelo maciço endividamento reduziram sua capacidade de consumo e gastos. Isso gerou mais demissões e reduções corporativas numa espiral descendente mais dramática e muito mais dolorosa que a do *boom* dos anos 1990.

As crises na economia capitalista, geralmente fazem com que se espere uma solução por parte do governo. Quando a bolha estourou, o presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, forçou um corte nas taxas de juros maior e mais rápido do que em toda a história dos Estados Unidos. Assim, se emprestar é mais barato, as corporações e os consumidores poderão se endividar e gastar para revitalizar a enfraquecida economia. Mas isso não funciona. Nem as corporações capitalistas nem os consumidores ousam emprestar e investir em uma economia declinante atordoada desde que as esperanças se apagaram e os crescentes escândalos foram expostos depois que a bolha explodiu. Bush insiste no corte de impostos argumentando que as empresas e os consumidores irão gastar mais para reviver a economia. Isso é falho pelas mesmas razões. Em dois anos de mandato, Bush e seus assessores encontram-se em um barco econômico que afunda em meio a uma famosa enseada sem remo e balde para ajudá-los.

Há somente uma possibilidade para prevenir, reverter ou pelos menos disfarçar a economia real e também o desastre político de Bush. O ataque ao World Trade Center e ao Pentágono em 11 de setembro de 2001 produziu uma inesperada reviravolta política. Ao invés de ser culpado por ter fracassado em antecipar, detectar e deter os ataques — apesar de ter o maior e melhor aparato de polícia, inteligência e exército do mundo — a administração Bush desviou as críticas alimentando alarmes sobre o risco de novos ataques. Bush posicionou a si próprio como um homem no cavalo branco que agora irá castigar os demônios em casa e no exterior para proteger os americanos das ameaças de um mundo novo hostil cheio de terroristas. Isso funcionou, embora todas as diretrizes política e econômicas anteriores de Bush tivessem falhado. Bush não só pode reconstruir sua decadente administração com os ataques anti-terroristas como planeja usar esses ataques para tentar administrar o desastre de sua economia doméstica que ameaça implodir sua administração.

Esses planos não acarretam o alívio das dívidas dos trabalhadores, nem aumentam seus salários, pois isso poderia ameaçar os lucros das corporações. Isso é um plano republicano acima de tudo. Seu objetivo é o de reparar a economia quebrada produzindo outro ciclo de crescimento sem, é claro, questionar o capitalismo. Nesse plano, uma nova onda de construção do império poderá resolver todos os problemas. Bush e seus conselheiros encontraram a arma mágica. Por trás da luta contra a terrorismo, jogando com o trunfo do superpoder militar, repousando no apoio patriótico devido a temíveis guerras, Bush irá impor através da força uma reorganização do mundo para fazer com que os Estados Unidos sejam um país mais seguro e o resto do mundo seja mais democrático e próspero. Sob a orientação estadunidense este mundo reorganizado solucionará os persistentes problemas da economia doméstica dos Estados Unidos.

A estratégia internacional capitalista

Em termos duros, os planos de Bush para salvar os problemas da economia doméstica se baseiam no uso da força militar para construir um império no exterior. Dominando fontes de matéria-prima estrangeiras (acima de tudo petróleo), mercados estrangeiros e oportunidades de investimentos no exterior, a lucratividade das corporações estadunidenses poderá voltar. Os fluxos das fontes baratas e confiáveis de matérias-primas, importadas para os Estados Unidos irão render vantagens competitivas para as corporações estadunidenses e para as estrangeiras que se localizarem no seu território e se comportarem apropriadamente. Assim, os países estrangeiros dominados irão arrumar seus mercados internos de forma a favorecer exportações de corporações sediadas nos Estados Unidos. As oportunidades de investimentos nesses países — incluindo a reconstrução após os ataques — irão primeiramente beneficiar as empresas estadunidenses ou aquelas favoráveis a seus interesses. Estas vantagens, racionalizadas como uma recompensa justa para os custos estadunidenses de se estabelecer e manter um novo império, resultarão, para as empresas favorecidas pelo seu governo, numa posição competitiva imbatível. Estas esperanças dão combustível à estratégia de Bush. No entanto, é claro que as desvantagens impostas aos demais países capitalistas irão também alimentar suas hostilidades e contra-estratégias.

Os trabalhadores estadunidenses correm o risco de redução de salários assim que o império mudar seus investimentos para mercados mais lucrativos no exterior. Os custos para o império (especialmente quando seus líderes imperialistas ganham apoio popular cortando impostos) irão necessariamente reduzir os programas do governo destinados às famílias dos trabalhadores, aposentados, doentes, estudantes etc. Assim, o pouco que resta do tradicional salário acima da média global irá provavelmente evaporar. O que os capitalistas perdem, por sua vez, nas vendas para os trabalhadores estadunidenses, eles esperam recuperar exportando para os mercados que estão dentro de seu império global. Oportunidades de investimentos lucrativos para as empresas favorecidas pelo governo estadunidense irão se multiplicar na construção de meios de transportes, telecomunicação e outras redes necessárias para integrar o império. Quando os salários dentro dos Estados Unidos caírem o suficiente para possibilitar o aumento dos lucros, os investidores podem deixar de aplicar no exterior; de outra forma, eles não irão. O plano de Bush para o seu império não reverterá a diferença crescente entre os 20% que estão no topo e os 80% que estão no fundo da distribuição de renda e riqueza dentro dos Estados Unidos.

As empresas capitalistas ao redor do mundo se confrontarão com as duras proposições que emanam dos Estados Unidos: ou aceitarão o novo império militar dos Estados Unidos, ou morrerão. A aceitação significará subordinação direta ao governo estadunidense e/ou às alianças em favor das corporações estadunidenses por meio de fusões, aquisições ou "acordos" para cumprir papéis subordinados. Os Estados capitalistas irão encarar praticamente as mesmas proposições. Protestar contra essa subordinação irá marcar qualquer empresa ou governo como um inimigo do império, alvo de exclusão das oportunidades e benefícios ou pior.

Europa Ocidental, Rússia, China e Japão encaram essas proposições. Bush e Rumsfeld deixaram isso claro nas disputas diplomáticas sobre a guerra no Iraque: "Modele sua subordinação como os britânicos; saia do nosso caminho, ou pereça da mesma maneira que Saddam Hussein". Todos os antigos tratados, alianças e instituições são colocadas de lado na conduta messiânica para americanizar o mundo e repetir em todos os lugares a perfeição social do Texas. Ou você está conosco ou contra nós.

Esse plano imperial da direita Republicana foi ignorado como sendo uma fantasia não funcional e um risco desnecessário nos anos 1980 e 1990. Seus proponentes (Cheney, Rumsfeld, Perle, Wolfowitz etc) puderam revivê-lo e implementá-lo depois de 11 de setembro. Eles ofereceram este plano como uma solução para (1) o declínio geral da economia depois do estouro da bolha do mercado de ações em 2000, e (2) para a ansiedade das massas com medo do terrorismo, resultante do alarmismo alimentado depois dos atentados. A elite capitalista estadunidense está esperando para ver se as guerras imperiais de Bush irão realmente resolver os problemas da economia. As massas estadunidenses esperam para ver se essas guerras solucionarão suas dificuldades econômicas e seus apavorados sentimentos de vulnerabilidade com relação ao terrorismo. A probabilidade que a nova onda de construção do império estadunidense possa alcançar todas estas expectativas é pequena: um julgamento partilhado, por exemplo, com os extremamente céticos atores do mercado acionário e por muitos analistas em abril de 2003.

Contradições estratégicas e a fragilidade do capitalismo dos Estados Unidos

O alarmismo cultivado sobre o terrorismo e as sucessivas guerras são mais do que sinais de um império em construção. São, também, uma arma para distrair as massas do contínuo declínio da economia doméstica e dos cortes nos programas sociais pelos Republicanos de Bush, enquanto um império militar é construído no exterior. Como todas as armas, sua eficiência dependerá do conjunto do contexto social de sua aplicação.

Um grande problema para o programa de Bush se encontra na condição da classe trabalhadora estadunidense em 2003. Trabalhadores que arrumam múltiplos empregos e trabalham cada vez mais horas, acumularam, sem precedentes na história, altos níveis de exaustão, estresse, disfunções familiares e dívidas para manterem seus padrões de vida, enquanto os salários reais caíam desde meados da década de 1970. As epidemias de alcoolismo, consumo de tranqüilizantes e antidepressivos, disfunção psicológica, abuso de crianças e esposas dentre outros, oferecem uma ampla evidência. Nessas circunstâncias não é possível extorquir mais esforço do trabalho. O potencial para uma reação dos trabalhadores contra estas condições de so-

brecarga aumenta, especialmente quando as salários reais continuam caindo (sob a pressão do aumento do desemprego, desde 2000) e os programas de suporte oferecidos pelo governo para os trabalhadores vêm sofrendo mais cortes (não somente no orçamento fiscal federal de Bush para 2004, mas também nos orçamentos críticos de todos os cinqüenta Estados para 2003 e 2004). O capitalismo dos Estados Unidos está exaurindo e amargurando a galinha que produz os ovos de ouro chamados lucros. A guerra no Iraque pode fazer pouco para melhorar esta situação e pode, na verdade, fazer muito para agravá-la.

A segunda nuvem que se aproxima dos planos de Bush é a ameaça de que as despesas de consumo dos trabalhadores estadunidenses caiam na mesma proporção ou mais do que a elevação das exportações. O "declínio histórico do sentimento consumista" em 2002 e 2003 reflete mais do que um colapso no mercado de ações desde 2000 e o aumento do desemprego. Os gastos com consumo nos Estados Unidos estão também caindo porque a energia dos trabalhadores, os investimentos emocionais em acumulação de mercadorias, os créditos desnecessários e as visões de um futuro positivo estão todos se destruindo. Há pouca razão para supor que a intervenção do governo na economia poderá evitar a acentuação do declínio de gastos com consumo. Depois de tudo, apesar das incontáveis agências governamentais e prestativos acadêmicos monitorando o aumento das condições de lucro dos anos 1990 e o vasto arsenal de regulações e políticas desenhadas para gerenciar o crescimento, ele ficou totalmente fora de controle, inchou e explodiu.

A terceira contradição emerge no domínio da política e da cultura nos Estados Unidos. A expansão imperial intensificada, as guerras sucessivas, o terrorismo e o antiterrorismo produzem normalmente uma supressão do criticismo, da dissensão e das liberdades civis. Seria ingênuo imaginar que a nova supressão institucional promovida por Bush irá limitar seus alvos ao terrorismo. Como o comportamento do procurador-geral John Ashcroft já mostrou, a supressão possui muitas dimensões. Todo o espectro de opinião da centro-esquerda está sendo provocado a propósito de seu ceticismo ou oposição à guerra do Iraque. A política e a cultura estadunidense polarizou-se em torno de suspeitas e conflitos cada vez mais ásperos. Os críticos da guerra, do império e da supressão de liberdades civis podem evoluir em

movimentos sociais significativos. Eles podem se aliar com trabalhadores que estão reagindo contra as condições da economia. Se ou como eles farão isso irá influenciar fortemente o futuro de Bush e certamente do mundo.

A quarta contradição está emergindo no Terceiro Mundo. O programa de Bush para um novo império claramente concentra-se nessas regiões para torná-las lucrativas para o capitalismo estadunidense. Elas são pobres e militarmente indefesas. O que o dinheiro estadunidense não comprar, suas bombas podem forçar. Concentrando-se na integração destas regiões a seu império, os Estados Unidos evitarão — ou ao menos adiarão — um confronto direto com os atuais competidores: União Européia, Rússia, Japão e China. Entretanto, os países do Terceiro Mundo podem não aceitar a integração ao império estadunidense nos seus atuais termos — com ou sem conquista militar. O pós-guerra no Iraque é parecido com o que o Afeganistão representava para a União Soviética e com o que ele cada vez mais representa para os Estados Unidos. Antecipando-se às demandas dos estadunidenses, os países do Terceiro Mundo podem procurar fazer acordos melhores com os europeus ou com outros? Podem eles se orquestrar de forma conjunta e oferecer uma resistência de forma mais dura aos planos estadunidenses?

A quinta contradição flui diretamente da Comunidade Européia, Rússia, China e Japão. A guerra no Iraque altera suas estratégias e alianças. Como os Estados Unidos, eles também procuram solucionar seus problemas econômicos internos, em parte por meio de uma expansão econômica no exterior (comprando, vendendo e investindo fora de casa). A *Pax Americana* de Bush ameaça seus interesses expansionistas e alguns ou todos podem se aliar contra os Estados Unidos. Em várias combinações possíveis, o conjunto de suas populações, mercados, recursos, industrias e comando militar poderiam confrontar a agenda imperial de Bush com incalculáveis, mas certamente grandes problemas e riscos. A briga entre os antigos defensores da globalização poderá providenciar novos aliados aos críticos da globalização e assim novas contradições para o imperialismo de Bush. A colisão no capitalismo imperialista provocou duas guerras mundiais no século passado.

Certamente no pico histórico de sua força, o capitalismo estadunidense parece comprometido com uma expansão imperial global que começou no Afeganistão e no Iraque. Por outro lado, as causas, contradições e riscos dessa expansão expõem sua fragilidade. A dialética do capitalismo provoca

não somente seu próprio crescimento, mas também críticas a seus custos, desigualdades e efeitos sociais deste crescimento. As vítimas, competidores e oponentes deste capitalismo, irão provavelmente encontrar seus caminhos para responder à velha pergunta com uma nova urgência: pode um tipo diferente, não-capitalista, de sistema econômico crescer sem os indesejáveis efeitos colaterais? A velha toupeira da revolução anticapitalista está nascendo novamente.